



A KABBALAH E A YOGA

MOSHE BEN AVRAHAM AVINU & BRAHMANE KRSNA PRASAD DAS

DJINS BOOKS EDITIONS- SÉRIE MINDTEMPLE



A Kabbalah e a Yoga

uma abordagem mística sobre os
sephirot e os chakras – primeira parte.

A Kabbalah surge imediatamente quando a criação
é criada.

תאו ם

ימשה תא

םיהלא א

רב תי

שארב

ץראה

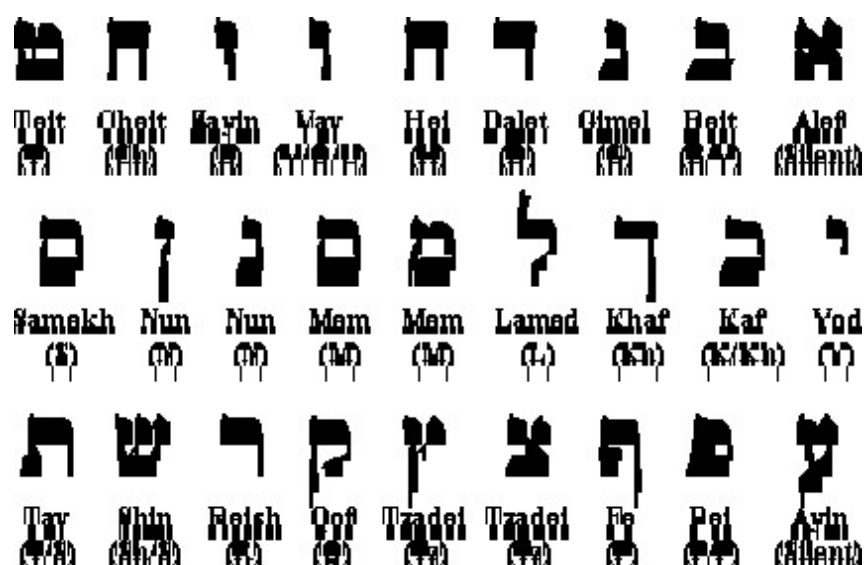
Bereshit bara Elohim et hashamaim veet haarets

No princípio criou Ds os céus e a terra

Sua formação é inerente à criação e ao surgimento
dos seres vivos. Logo, quando olhamos a árvore
dos Sephirot estamos vendo na verdade a
representação cósmica da formação da Humanidade
(Adam = humanidade).

Durante séculos esse conhecimento esotérico
permaneceu oculto dentro dos templos judaicos e

somente os rabinos mais avançados e com as mentes mais refinadas tinham acesso a seu conhecimento oculto e suas práticas de transformação pessoal. A Torá e Talmude, não tratam objetivamente sobre esse conhecimento. Contudo, a Torá contém ensinamentos preciosos codificados dentro do texto revelado – decodificar e decifrar



A ordenação dessas letras no texto bíblico seria uma das maneiras que Dús teria encontrado para revelar ao homem os segredos do Universo

As interpretações da Torá são tão importantes que foram divididas em 4 níveis de profundidade:

1º nível, Peshat, é aquele com que todos leitores estão acostumados, mais simples, que compreende o sentido literal do texto.

2º Remez, já considera os significados alegóricos da linguagem (alusões).

3º nível, Derash, entram comparações entre trechos similares e metáforas.

4º O último nível seria aquele que compreende o sentido secreto e misterioso da mensagem divina: Sod.

Juntos possuem um significado próprio.

Combinando-se as primeiras letras de cada um, obtém-se a palavra **Pardes**, que significa paraíso e remete à finalidade última do esforço de interpretação. A compreensão dessa mensagem que

Dús colocou nos textos sagrados, o kabbalista receberia de volta o conhecimento místico anterior à criação, como se lhe fosse devolvida a chave para retornar ao Éden.

A Kabbalah como sistema místico de transformação só vai surgir objetivamente a partir do Zohar. Seja qual for o primeiro e privilegiado homem a ter recebido o conhecimento esotérico da Kabbalah, esses ensinamentos foram transmitidos oralmente ao longo de muitas gerações de rabinos, quando finalmente foram eternizados em letras e páginas.

Os primeiros escritos conhecidos com referências a esses ensinamentos datam do séc.I. Tratam-se de fragmentos e pequenos textos reunidos numa coleção chamada Heichalot ("Os Palácios"), que tratam sobre os passos necessários para ascender através dos sete palácios celestiais, a árvore da Sephirot.



Os livros mais importantes da cabala são o Sefer
Yezirah (Livro da Criação) e o Zohar (Livro do
Esplendor), ambos de origem incerta. O primeiro

teria sido escrito no séc.II, de autor é desconhecido. Quanto ao Zohar, a situação é ainda mais complexa. Para alguns kabbalistas, este fora escrito pelo rabino Shimon bar Yochai no séc. II. A maioria dos estudiosos, porém, acredita que o Livro do Esplendor seja de autoria do escritor judeu-espanhol Moisés de León, que divulgou os manuscritos no séc. XII.

Por séculos, especialmente após a destruição do Segundo Templo em Yerushalem pelos romanos, no ano 70, os ensinamentos kabbalísticos foram sendo transmitidos discretamente por rabinos amorosos e generosos que ministravam esse conhecimento somente a pequenos grupos de discípulos mais brilhantes e inspirados. As pessoas ideais eram homens maduros com mais de 40 anos, pais de família, de comportamento ilibado e ávidos por descobrir os segredos da Criação. Não eram muitos, portanto, aqueles que se tornavam mestres na Kabbalah e davam continuidade à transmissão oral.

O motivo de tanto segredo não era somente a escassez de discípulos ideais. Em diversas épocas, por razões diferentes, os judeus foram proibidos de professar publicamente sua fé - a perseguição aos kabbalistas atingiu o auge no séc.XVI, durante a Inquisição espanhola. A Kabbalah contém uma visão revolucionária do texto talmúdico e da Torá, que se utiliza de um complexo sistema de códigos e símbolos, além de uma linguagem confusa e dúbia. Justamente por isso, em muitas épocas os kabbalistas foram vistos como heréticos. Até hoje, o estudo da Kabbalah é condenado por várias vertentes do judaísmo.

Entre o período final da Idade Média e o fim da Idade Moderna, houve um ressurgimento da Kabbalah. No séc.XII, o Zohar foi distribuído pelo escritor espanhol **Moshe ben Shem-Tov** **משה בן שם-טוב** conhecido popularmente como

Moshe de León,; no séc.XVI, os ensinamentos foram sistematizados pelo místico Moshe Del Cordovero, um dos sábios a se asilar na cidade hebreia de Safed; em seguida, Isaac Luria divulgou novas interpretações dos ensinamentos, que foram espalhados por vários mestres pela Europa, fazendo da Kabbalah a teologia dominante em círculos escolásticos e no imaginário popular judaico; e, no séc.XVII, o rav Baal Shem Tov fundou o Chassidismo, uma variante ortodoxa do judaísmo que ensinava uma versão mais acessível da Kabbalah.

No Renascimento, a Kabbalah despertou interesse de grupos místicos cristãos, intrigados com a compatibilidade entre as duas tradições. O resultado foi a criação da Cripto Kabbalah, que criou outros níveis de interpretação aos textos sagrados cristãos. Outro tipo sincretismo tão mais profundo resultou no surgimento da Kabbalah hermética, que reúne ensinamentos de gnósticos, alquímicos, astrológicos, ritos egípcios, greco-romana e pagãos,

tarô,

tantra,

maçonaria,

hermeticismo,

neoplatonismo, hinduísmo e budismo, em uma espécie de mescla ecumênica de todas as tradições

ditas orientais e ocidentais. Tudo misturado e

conjugado em um cadinho de forças nunca antes

pensada ou planejada. Podemos citar também a

Kabbalah prática, que se utiliza da magia, incluindo

a criação de amuletos e encantamentos, e teve seu

apogeu

na

Idade

Média.

Além dessas tradições Kabbalísticas ou ditas como,

a própria Kabbalah judaica tem diferentes correntes.

Uma delas é a já citada Kabbala pop. Outra variante

tem como expoente o Bnei Baruch Kabbalah

Education & Research Institute, fundado em 1991.

Autodenominado o maior grupo de Kabbalistas em Israel, o Bnei Baruch não considera a cabala um misticismo, mas uma ferramenta científica para o estudo do mundo transcendental. A proposta deles para compreender o Universo é aliar os estudos científicos da física, da química e da biologia às ferramentas Kabbalísticas.

Esse pensamento eclético embora sejam revolucionários e pouco ortodoxos do ponto de vista da tradição, de alguma forma não estão totalmente fora do escopo da visão da Kabbalah, como pensada no passado. A Kabbalah tem todos os aspectos de ciência prática, como nós a conhecemos hoje em dia. A ciência nos força a testar, observar e analisar cada passo de um experimento. Nas práticas da Kabbalah também são assim, um espírito empírico é necessário ao kabbalista. Ousa, tenta e cala, esse deve ser o mote de todo praticante sincero. Ousar é necessário, pois sem a vontade potente, não se pode sair da zona de conforto e realizar algo, tentar

porque, nem resultado palpável e de valor se obtém da noite para o dia. É necessário tentar e observar os resultados ou não o tempo todo. Tentar sempre e seguir em frente com confiança e diligência. E calar. É muito importante manter o silêncio sobre os resultados que a prática nos der. O verdadeiro kabbalista sabe que quanto mais ele se cala sobre seus avanços mais ele avançará. Falar sobre é fomentar o ego inquieto e é justamente a não mente, que concede avanço e solidifica as realizações espirituais.

A Kabbalah afirma que tudo o que existe vem de Dús. Contudo, para a religião tradicional, Dús é o Criador de todas as coisas, para a Kabbalah Ele não é somente o Criador, mas é também a criação. Ou seja, a criação não é diferente do seu Criador, mas parte d'Ele. A existência de Deus não seria, portanto, distinta do espaço e do tempo; o espaço e o tempo estariam contidos no próprio Dús Omnipotente. Porém esse conceito metafísico, não

explica tudo. Estamos no limiar de um entendimento transcendental demais. Não é algo que se apreende pela mera observação ou teorização. No que tange à Transcendência, a mente e sua razão pouco ou nada importam. Somente a prática pode nos conceder alguma percepção sobre essa Entidade e Suas Potências. Não se iluda ou imagine que essas racionalizações vão proporcionar a você um entendimento profundo de Dús e sua Criação. Por um simples fato: segundo a Kabbalah, o Dús Criador não pode ser compreendido pela nossa mente física e sentidos limitados.

Os sentidos sensoriais são como inputs que estamos acostumados a dar em nossos computadores.

Servem como meio de aprendizado e método de entendimento sobre o mundo exterior e interior.

Quando nos comunicamos por meio da fala, estamos expressando o que temos em nosso interior, quando ouvimos estamos recebendo esse input de outro emissor. Que pode ou não afetar

nosso entendimento sobre si, o outro ou sobre a natureza. Contudo, nossos sentidos não são 100% confiáveis para adquirirmos percepção direta ou indireta sobre a transcendência. O transcendente opera sobre outra frequência, em uma faixa de percepção que nossa mente e sentidos ordinários não estão preparados para atuar. Tudo está na mente ou a mente que está em tudo? Essa pergunta que a priori parece somente um jogo de palavras ou tentativa de se criar um conceito. Tem concentrado a atenção de gerações de sábios de todas as grandes correntes místicas de todas as épocas e todos os credos. Esses termos entraram nosso dia a dia pelas mãos de Freud e Jung. Mas os velhos kabbalistas e yogis já estavam debruçados sobre esse dilema acerca da mente há milênios.

Esses velhos sábios decifraram esse mistério acerca da mente e chegaram a conclusão que a mente é algo externo ao corpo. Nossa mente está fora de nós ainda que opere como se estivesse dentro, visto que

há o cérebro como seu principal veículo de expressão. Se o aparelho instalado, no caso o cérebro não for capacitado para codificar as mensagens que a mente que está conectada com a mente universal ou inconsciente coletivo como chamava Jung, nosso entendimento sobre esses conceitos sutis estará debilitado. Só podemos entender o que nosso cérebro, associado aos nossos sentidos, que são a porta de entendimento e apreensão de conhecimento nos permite entender. Logo, nosso esforço via sentidos sensoriais para entender o mundo transcendente é muito limitado e pouco confiável do ponto de vista espiritual. Assim, entendendo que não temos aparelhos capacitados ou antenados para entender e compreender esses ensinamentos e inputs oriundos de dimensões superiores que

nos

rodeiam, precisamos então, de instrumentos que vão permitir uma aproximação mais objetiva, menos interferente e que nos permita dar um upgrade no nosso consciente interior. Quando passamos a tratar e meditar sobre essas questões transcendentais, que estão na escala do Absoluto e não do mundo relativo que é onde estamos, nossos sentidos e mente passam a vibrar essa potência oriunda dessa região onde tudo é consciente, cheio de bem aventurança e eternidade. Recebemos esses influxos e nos elevamos aos poucos. Na realidade, já estamos essencialmente em nível de alma, associados a essa região de potência absoluta, somos eternamente cheios de conhecimento, bem aventurança e eternidade. Já somos iluminados, pois somos partes infinitesimais dessa Força Criadora que podemos chamar de Dús, mas que no mundo do Absoluto atua sob outras formas e nomes ou forma e nome algum.

O conhecimento dessa força já nos permite vislumbrar em nível atômico essa percepção de que algo muito maior que nós e tudo o que nos cerca está do outro lado dessa cortina que chamamos de mundo físico. Mas como isso se dá exatamente? O que os velhos kabbalistas e yogis diziam é que tudo o que está relacionado com o Absoluto torna-se parte inerente Deste, pois o principal atributo do Absoluto é não ter diferenciação de Si para com o que é Seu. Ao contrário de nós no mundo físico onde tudo o que está relacionado conosco, está na plataforma do relativo. Ou seja: não somos nossas roupas, as tiramos, guardamos ou mesmo as jogamos fora, e continuaremos sermos diferentes delas essencialmente. Ela está na plataforma do relativo, do temporal e tudo o que é temporal tem início, meio e fim. E sua identidade também é relativa em relação ao tempo e ao espaço. No mundo Absoluto, tudo é consciente e tudo está intimamente relacionado. Se lá existir o que

possamos chamar de objetos, estes não são diferentes de seus donos. Eles são a mesma coisa. Assim, também é com o Absoluto. Tentar aproximar-se Dele, nos concede os influxos de sua Natureza, e no momento que começamos a nos identificar com essa atmosfera transcendente e isso se dá pela mente(buddhi) superior que alguns autores chamariam de Eu Superior,esse influxo desce através dos nossos corpos místicos,mentais e emocionais tocando por fim nossa alma que não é essencialmente diferente de sua fonte,que é Dús. No momento que estamos então reconectados com nossa fonte essencial e eterna. Nossa identificação com o Absoluto e sua atmosfera nos impulsionam nos concedendo uma percepção inteira e profunda sobre o mundo, nós e tudo o que nos rodeia, principalmente nossas ações no mundo. O que nos enreda nesse mundo temporal é justamente nossa identificação aferrada ao mundo físico, nossa identificação com nossos corpos e vida. Sobretudo

com nossa personalidade. A Kabbalah aborda em sua prática justamente essa desidentificação com nossos corpos, nome mente inferior (manas). A personalidade, associada ao desejo que vem a ser o principal elemento constitutivo do mundo físico como diziam os velhos kabbalista e yogis, nos identifica com nossas ações e suas consequências. Todavia, nossa percepção é muito limitada, não nos permitindo enxergar todos os desdobramentos dos nossos atos e não temos mente treinada para acalmar o fluxo incessante de pensamentos que nos acometem diariamente e o tempo todo. O que a mente faz é criar e apresentar um quadro de desejo incessante, onde estamos o tempo todo reagindo a impulsos de ter e experimentar. E todo o sofrimento que obtemos na busca, na obtenção e manutenção desses desejos não são suficientes para nos acalmar e nos fazer buscar outros desejos mais edificantes. Na realidade, o cultivo de virtudes, não está no portfólio de desejos apresentados pela mente

inferior. Raros são os humanos que já nascem com essa indagação e busca interior. São raros como pedras preciosas ou como o passar de um cometa pelos céus. Nossa busca pelo mundo e nas nossas vidas é sempre pela realização de nossos desejos reativos, que surgem dessas buscas apresentadas pela mente. Queremos o que não temos, e gastamos todas as nossas forças na busca incessante de sua realização, no afã de sermos mais felizes. Porém, quando alcançamos a meta, ela imediatamente após ou algum tempo depois, já não nos satisfaz mais e estamos em seguida empreendendo outra busca por outra miragem. Desejar é o verbo mais presente em nosso ser. Queremos tudo, sempre e o tempo todo. E porque não sabemos o que queremos ou precisamos pedimos o que não nos convém, já que toda fonte de sofrimento surge nesse mundo, pela identificação ferrenha com o mundo, nosso corpo, nome, qualidades e desejos. Dotados desses

atributos, iniciamos toda uma saga pela satisfação dos nossos desejos, seja buscando e encerrando essa dita felicidade em um parceiro, em um objeto, no poder temporal, na força brutal e ilusória do dinheiro; na crença de que somos os mais belos, os mais inteligentes, os mais queridos e assim por diante. Quando tudo o que planejamos dá errado e não se manifesta como esperávamos nos revoltamos, nos desesperamos inclusive, daí começa surgir a dor, o desespero e desesperança. A Kabbalah vem para mitigar esse momento de total divergência entre o que somos, o que queremos e no que realmente somos e podemos. Não há ilusão ou douração de pílula; a Kabbalah irá nos permitir enxergar como as coisas exatamente são e qual nossa real posição no mundo.

Ain Sof אֵין סוֹף

אֵין סוֹף

Os kabbalistas não deixam de estudar a formação do mundo e suas expressões que refletem o divino.

Esses

ensinamentos,

são

considerados

fundamentais para prosseguir no caminho da

evolução espiritual e no desvendamento da

Realidade Suprema. Um dos estudos mais

importantes é justamente o que diz respeito à

natureza da divindade. Os kabbalistas usam

frequentemente o termo Ain Sof, aquele que veio

antes de tudo, que precede a criação, Aquele que

não tem limites -. Ain Soph é de onde se emanam

os [Sephiroth](#) para formar a [árvore da vida](#), que é uma representação abstrata da natureza divina. Ain

Soph é o Não Ser, um princípio que permanece não

manifestado e é incompreensível à inteligência

humana. Veja o que diz o Zohar sobre o Ain Sof:

"Antes de dar qualquer formato ao mundo, antes de

produzir qualquer forma, Ele estava só, sem forma e

sem semelhança com qualquer outra coisa. Quem

então pode compreender como Ele era antes da

Criação? Por isso é proibido emprestar-Lhe qualquer forma ou similitude, ou mesmo chamá-Lo pelo Seu nome sagrado, ou indicá-Lo por uma simples letra ou um único ponto. Contudo, após Ele criar a forma do Homem Celestial, Ele a usou como um veículo por onde descer, e Ele deseja ser chamado por Sua forma, que é o nome sagrado YHWH יהוה.

É mesmo um paradoxo não poder dar um nome a Dús, tornando-O de certa maneira inacessível e ainda mais incompreensível para os homens.

Sobretudo, se é assim, como pode existir uma experiência mística que permite esse acesso? Bem, a Kabbalah explica que o contato com Dús é realizado indiretamente, por meio de um de seus desdobramentos. Para tornar-se mais expressivo, Dús criou as 10 sephirot ou emanções. As sephirot formam a Árvore da Vida, que representa os aspectos de Dús existentes dentro de nós. Uma maneira de ter o contato místico com Dús é através de uma das 10 sephirot. As sete esferas

mais baixas estão diretamente relacionadas com os sete dias da criação descritos no livro do Gênese.

Mas como teria se dado exatamente a Criação? A

Kabbalah tem um livro dedicado a esse tema: o já

citado **Sefer Yetzirah** (הריציר)

פס) é um texto antigo

pertencente ao corpus da [Kabbalah](#). O Livro Yetzirah é um dos remanescentes dos livros secretos

hebraicos, um dos mais antigos e está ligado a

literatura dos santuários e da carruagem, é uma das

colunas secretas sobre a qual se baseia a kabbalah..

O texto ensina que a primeira emanção do Ain Sof

foi ruach (espírito/ar), que em seguida gerou fogo,

responsável por formar água. A existência real

dessas substâncias potenciais foi comandada por D

ús, que as utilizou como matérias-primas de toda a

Criação. Por exemplo, a água deu origem à terra, o

fogo originou o céu e o ar ocupou o espaço entre

eles para formar nosso planeta. Ainda segundo o

Sefer, o Cosmos é dividido em 3 partes (cada uma

delas contendo uma combinação dos 3 elementos

primordiais): o mundo, o ano (tempo) e o homem.

A Kabbalah divide o Universo em 4 planos de existência, divididos hierarquicamente a partir da emanção do Ain Sof até nós. Nessa ordem, teríamos então: o Atziluth (Mundo da Emanação ou das Causas), que recebe a luz diretamente do Ain Sof; o Beri'ah (Mundo da Criação), onde não há matéria e onde moram os anjos de mais alta hierarquia; o Yetzirah (Mundo da Formação), onde a Criação assume forma material; e o Assiah (Mundo da Ação), onde se completa a Criação e se localiza todo o Universo físico e suas criaturas. No [Zohar](#), Atziluth é considerado simplesmente a emanção direta de Dús, em contraste com as outras emanções provenientes das Sephirot. Nenhum mundo quádruplo é mencionado.

[Moshe Cordovero](#) e [Isaac Luria](#)(século XVI), foram os primeiros a apresentar o mundo quádruplo como um

princípio essencial para a especulação kabbalística.

-

Atzilah representa as dez Sephirot;

-

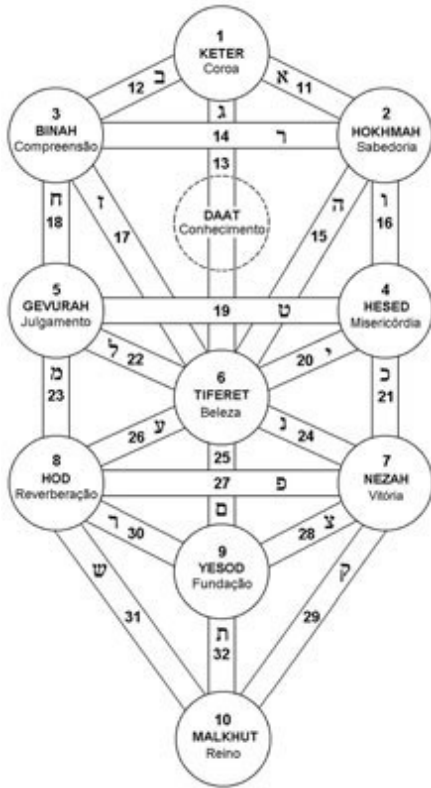
Beriah (mundo da criação) representa o trono de Dús, emanando das luzes das Sephirot;

-

Yetzirah (mundo do devir) representa as dez classes de anjos, formando os corredores para as Sephirot;

-

Assiah (mundo do fazer, isto é, da forma) representa os diferentes paraísos e o mundo material.



Segundo Isaac Luria, um quinto mundo é mencionado, acima do primeiro, e que serviria de mediação entre o Ain Sof e o Mundo da Emissão. Esse quinto mundo ou esfera é conhecido como Da'ath ou Daas "Conhecimento", em hebraico: דעת esta localizada, onde todas as dez sephirot da Árvore da Vida estão unidos como um só.

Daath não é sempre retratada nas representações das Sephirot, e poderia, em certo sentido ser considerado como um "espaço vazio" no qual a Luz

de quaisquer outras sephirot poderiam ser colocadas. A Luz Divina está sempre a brilhar, mas nem todos os seres humanos percebê-la. A palavra **Daath** é muitas vezes comparada com a palavra grega [Gnosis](#) (conhecimento).

Outras esferas

É digno de nota e de atenção que na Kabbalah de Luria, manifestada durante o séc.XVI, há conceitos muito avançados que nos remonta às teorias mais modernas sobre o cosmo e seu surgimento. Conceitos que se assemelham em muito a Teoria do Big Bang. De acordo com esses conceitos kabbalísticos, a primeira ação de Ain Sof para manifestar o cosmo teria sido uma contração sobre si mesmo, provocando um efeito inicial chamado tohu. O vácuo que se seguiu após esse evento teria sido preenchido com as emanações divinas que logo em seguida iriam iniciar as atividades de criação, destruição, manutenção e devastação

de
toda
a
criação.

A natureza é eterna e cíclica. Sua existência ainda
que relativa e temporal, pois suas emanções não
permaneçam
eternamente, contudo

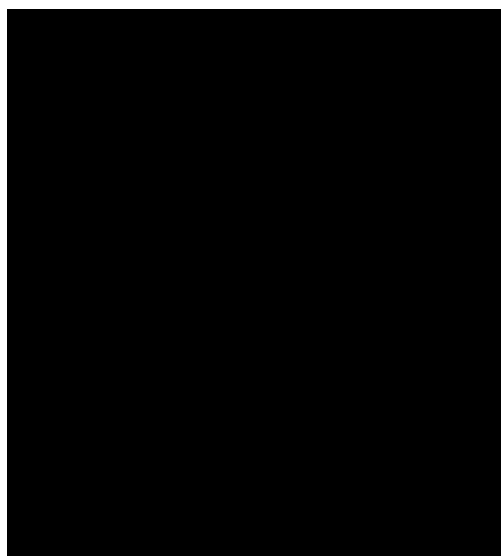
sua
manifestação é eterna. Isso é um grande
paradoxo, sem dúvida. Mas devemos nos ater que
para que D'us, tudo é espiritual. Não há
diferenciação entre mundo espiritual e material.

Logo, tudo faz parte da energia Dele. A diferença
entre esses mundos, é energética: No mundo
espiritual e não estamos nos referindo a mundos
astrais, que são feitos de formas pensamentos.

Estamos falando da energia que sustenta uma
atmosfera onde tudo é consciente, cheia de bem
aventurança e eternidade. Em contraste com o

mundo material que tem uma carga energética mais baixa,mais coesa e concentrada;e onde somente as almas são conscientes e dotadas dos atributos de seu Criador. Nossa percepção sobre essas verdades é muito limitada,justamente porque as cercânias na qual nos encontramos tem pouca carga energética,onde o tempo e o espaço impactam nossa percepção real dos fatos,eventos e seus desdobramentos. Esse mundo não é o nosso ambiente real. Queremos o mundo onde a energia está fluindo, onde tudo é fluídico e não concentrado e corruptível como este mundo na qual vivemos. Cada esfera acima de nós,vibra em uma frequência cada vez mais alta e para entrarmos em contato com as Inteligências que as governam precisamos de vários filtros para poder suportar suas vibrações. No ocidente e principalmente entre as pessoas mais místicas,há uma tendência,quase pueril de se pensar que anjos e arcanjos possam ser invocados e suas doces presenças possam ser sentidas. A

Kabbalah e a Torah adverte veemente que invocar esses seres é extremamente perigoso. Se um ser humano pudesse realmente estar na presença de uma entidade desse porte, seria imediatamente aniquilada devido a imensa potência vibratória deles. Uma entidade por exemplo do tamanho e potência de Metatron (מטטרון) que é um [serafim](#), na tradição [judaica](#) e em algumas tradições [cristãs](#), sendo tido como "O Anjo Supremo", Porta-voz Divino, mediador de [D'us](#) com a [humanidade](#) e o [Anjo da Morte e da Vida](#), poderia aniquilar tudo a sua volta se aqui o tocasse. Metatron se manifesta sob várias formas, entre elas a forma de uma mandala de cubos:



Nefesh e ruach – espírito e mente

O objetivo da vida humana e sua principal diferenciação frente à vida dos outros seres deve ser aprender e evoluir para ascender aos planos superiores. O judaísmo acredita que a alma é eterna e multifacetada. A vida continua em outras realidades além da nossa, aguardando a ressurreição. A Kabbalah é a única corrente dentro do judaísmo que defende o conceito de reencarnação: algumas almas retornam a este mundo em outros corpos, até acabar de cumprir seu aprendizado. Esse conceito de transmigração da alma não é muito desenvolvido dentro das tradições das religiões abramicas, sendo um conceito muito mais desenvolvido e conhecido nas tradições orientais, em particular a hindu. Na qual o conceito de reencarnação/transmigração da alma fica mais claro a partir do entendimento e da visão do que eles chamam de Roda de Samsara

(sânscrito-devanagari: संसार, *perambulação*) pode ser descrito como o *fluxo incessante de renascimentos*

através dos mundos. Conforme,vão se
aperfeiçoando
e
adquirindo
potências
espirituais,pelo cultivo de virtudes ao longo de
diversas vidas, elas voltam para nos trazer bênçãos
e luz através de seu ser altamente desenvolvido.
Seria possível uma alma atingir o estágio de
evolução necessário em uma única vida, mas é
comum receber mais algumas chances, num
processo de reencarnação que também faz parte
dos
aprendizados
evolutivos.

Segundo a Kabbalah, a alma humana é dividida em
três partes básicas. A mais "baixa", chamada
nefesh, é a parte animal, responsável pelos instintos
e reflexos corporais. Acima dessa estaria ruach, o
espírito ou alma média, que contém as virtudes

morais e a habilidade de distinguir o que é bom e o que é ruim. A alma alta, neshamah, seria a terceira parte, que representa o intelecto e distingue o homem das outras formas de vida, por permitir a vida após a morte. É a neshamah que permite a percepção da existência de D'us.

Outras duas partes da alma humana são discutidas no Zohar: chayyah, que permite a consciência da força divina, e yehidah, a parte da alma que é alta o suficiente para atingir o maior nível possível de união com o Criador. A meta é alcançar o propósito para o qual fomos criados: a equivalência de forma com a Força Superior. Todo o trabalho na Kabbalah tem esse objetivo. Na hipótese remota da humanidade finalmente se unir ao Criador, em uma fusão completa e perfeita, o que aconteceria? O fim

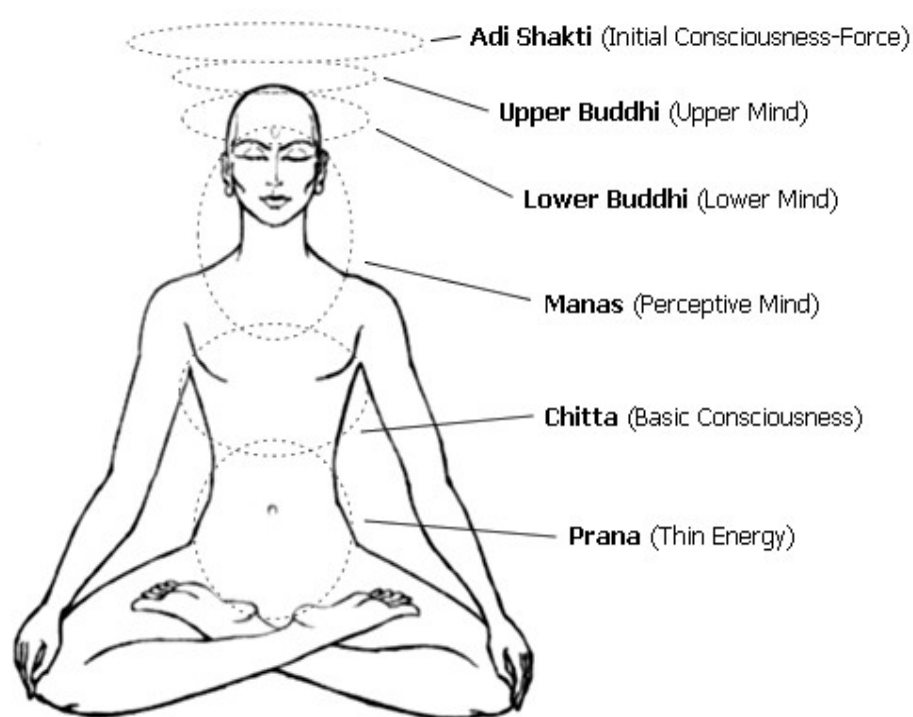
do mundo? O começo de uma nova e gloriosa Criação? Bom, isso nem mesmo os mestres kabbalistas saberiam responder.

A Kabbalah e a Yoga

Segundo a Yoga e seus inúmeros mestres que ao longo de séculos nos concedeu relatos sobre suas experiências e práticas, a mente é o elemento mais incontrolável que existe. Controlar a mente e seus impulsos é a primeira meta na vida de qualquer ser humano, contudo seu controle é tido como controlar o vento, tal é o desafio.

A mente de acordo com a Yoga é um ente externo, ela não está no corpo, ela não reside dentro do cérebro que vem a ser somente um receptáculo de seus impulsos, um transmissor e codificador das informações oriundas da mente que está fora e interligado às outras forças. Nesse ponto percebemos que as duas correntes filosóficas se unem e

mostram o quão próximas são uma da outra, como vimos no capítulo anterior do nosso livro. A Yoga divide a mente em: manas, buddhi e ahankara. Manas é um nome para mente, buddhi para inteligência e ahankara é o falso ego. Os corpos sutis que compõem o conhecido corpo astral é composto por esses três elementos e eles são individuais e interligados.



No esquema mostrado na figura podemos facilmente entender o que afirmamos há pouco

sobre a exterioridade da mente e como esta se interliga com diversos corpos ou níveis vibratórios para compor o corpo sutil do ser humano. O corpo sutil é basicamente feito de: mente, inteligência e falso ego como dito anteriormente. O elemento a mais que colocaremos nessa estrutura será a consciência básica, conhecida chita. Essa consciência está relacionada com nossas reações cotidianas, nossos impulsos de defesa, por exemplo. A compreensão desses corpos nos concede a chave para abrir outros níveis de consciência, visto que estamos em um nível vibracional ainda muito denso e precisamos nos equalizar para captar as influências vindas de planos superiores.

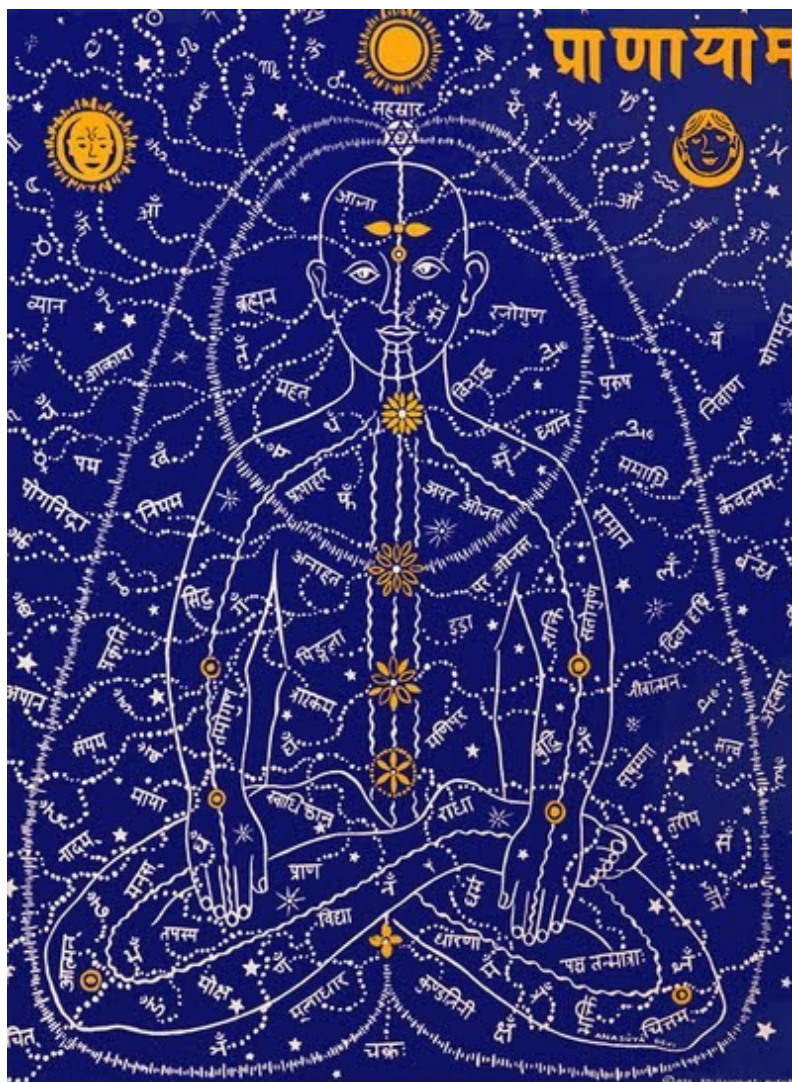
O que podemos também discutir sobre os corpos sutis é que eles é que nos concedem a percepção do Divino e a capacidade de elucubrar sobre conceitos filosóficos. Se determinado conceito transcendental não nos faz sentido agora, é porque nosso nível vibracional está operando em frequência que não

podemos acessar as verdades maiores.

O que os velhos sábios diziam é que a mente mundana só nos serve como equipamento para lidar com as questões básicas de

sobrevivência, alimentação e acasalamento. Para operarmos em nível mais alto precisamos incutir elementos mais sutis na mente para que ela aumente sua vibração e assim possamos acessar a inteligência búddhica que está em nós, contudo não acessível para o homem mediano. Do ponto de vista da yoga, nós realmente pensamos, agimos ou operamos de verdade somente quando estamos atuando sob influência búddhica. Antes disso não estamos fazendo absolutamente nada, a não ser reagindo a estímulos da natureza e do nosso entorno.

A alma como elemento transcendental e místico não realiza nada. Ela é imóvel e intocável. Nada pode detê-la, cortá-la, influenciá-la, maculá-la sob qualquer circunstância. Ela é uma centelha de D'us, que é inefável. A alma também. A atma como a alma é chamada pelos velhos sábios yogis só atua, só reage e se manifesta somente quando estamos indo em direção ao conhecimento búddhico. Quando estamos realizando alguma experiência espiritual. Fora isso, a atma permanece inatingível e só estamos na verdade agindo dentro dos limites da mente. O que naturalmente já nos coloca em posição privilegiada perante os outros que estamos vibrando em nível mais baixo. Ter a mente afiada e perspicaz é somente um dos efeitos paralelos ou secundários do cultivo de virtudes espirituais. A propósito, a prática espiritual, concede virtudes e as



virtudes concedem benções e assim o homem vai se elevando de sua posição marginal dentro da Natureza e vai cumprindo seu dever eterno de se melhorar a partir da condição mais baixa até os píncaros das alturas espirituais.

Sobre a relação da Kabbalah com os chakras.

Como em cima, tal é embaixo; o homem é um

macrocosmo em miniatura. Todos os fatos que integram o universo manifesto estão presentes em sua natureza. Eis por que se diz que, em sua perfeição, ele é maior do que os anjos. No presente, contudo, os anjos são seres plenamente desenvolvidos e o homem não. O homem é inferior aos anjos da mesma maneira ,que uma criança de três anos é menos desenvolvida do que um cão de três anos.

Até agora, consideramos a Árvore da Vida como um epítome do Macrocosmo, o universo, observando a utilização de seus símbolos como meio de entrar em contato com as diferentes Esferas da natureza objetiva. Vamos considerá-la, agora, em relação com a esfera subjetiva da natureza do indivíduo.

As correspondências tradicionais dadas por Crowley (que, infelizmente, nunca cita suas fontes, de modo que não sabemos quando utiliza o sistema de MacGregor Mathers a quando recorre às suas próprias pesquisas) baseiam-se, em parte, na

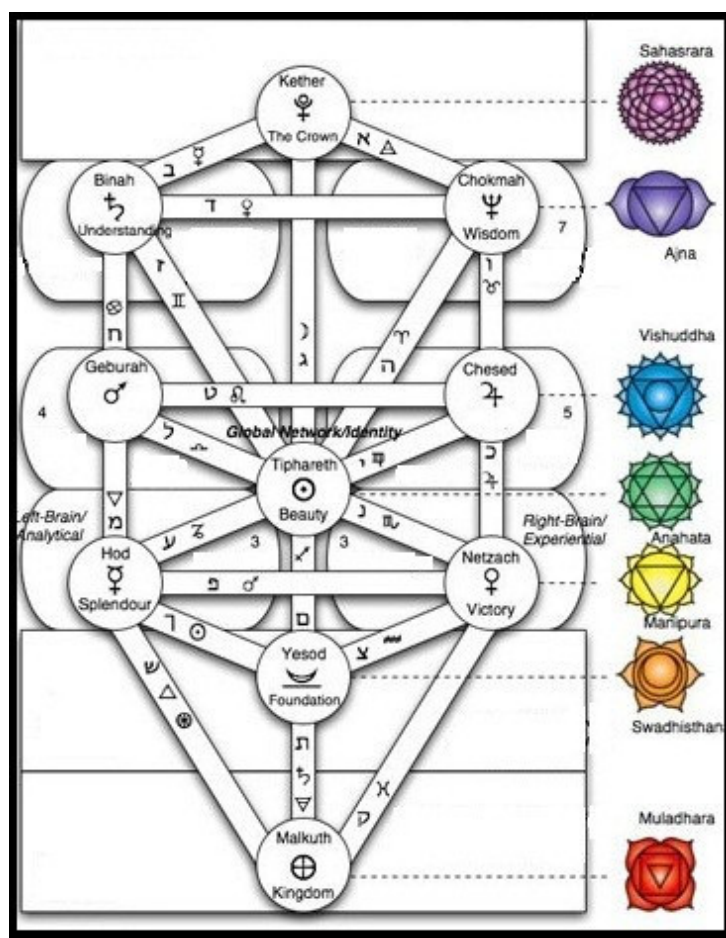
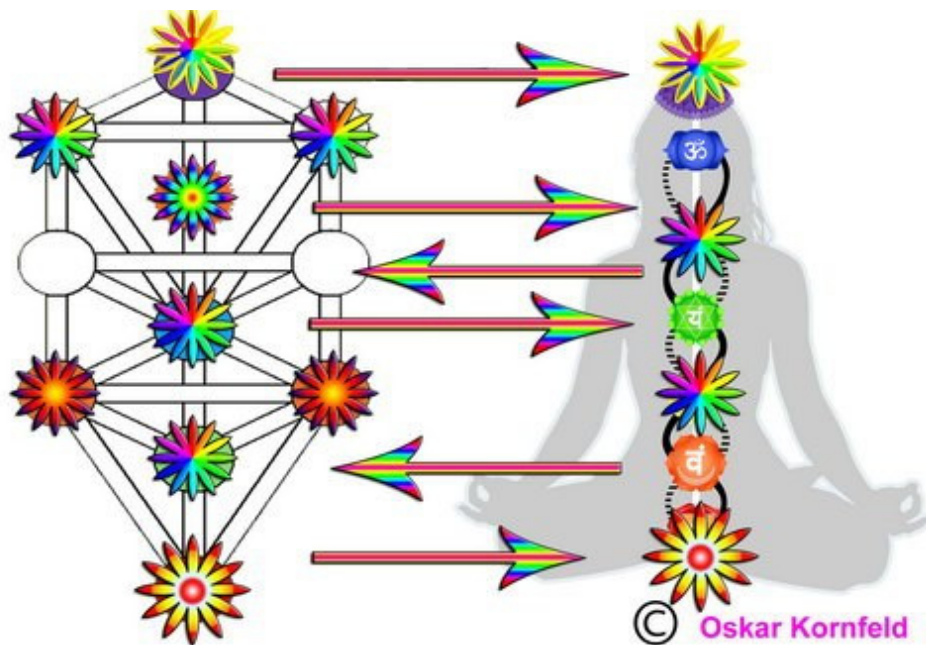
atribuição astrológica dos planetas às Sephiroth e, em parte, num sumário esquema anatômico da forma humana que dá as costas à árvore. Essa correspondência muito primitiva para os nossos propósitos, a representa provavelmente o trabalho das últimas gerações de escribas; durante a Idade Média, a Kabbalah foi redescoberta pelos filósofos europeus, a eles enxertaram nesse sistema simbolismos astrológicos e alquímicos. Além disso, os próprios rabinos utilizavam um grupo extremamente detalhado de metáforas anatômicas, discutindo em detalhes o significado de todos os cabelos sobre a cabeça de Deus, a mesmo as partes mais íntimas de Sua anatomia. Essas referências não devem ser tomadas literalmente quando se aplicam à forma humana.

As Sephiroth, tanto em separado como em seu padrão de relações, representam, com referência ao Macrocosmo, as fases sucessivas de evolução, e, com referência ao Microcosmo, os diferentes níveis

de consciência a fatores do caráter. É razoável supor que esses níveis de consciência tenham alguma relação com os centros psíquicos do corpo físico, mas não devemos ser primitivos a medievais nas conclusões a que chegamos. A anatomia e a fisiologia oculta foram elaboradas em detalhe na ciência da yoga, e muito podemos aprender de seus ensinamentos. Os avanços mais recentes da Fisiologia promovem à conclusão de que o vínculo entre a mente e a matéria deve ser buscado primeiro o sistema das glândulas endócrinas e apenas secundariamente no cérebro e no sistema nervoso central. Podemos aprender muito também dessa fonte de conhecimento, e, reunindo todas as informações que pudermos coletar de várias fontes, poderemos finalmente chegar, por raciocínio indutivo, àquilo que os antigos sabiam por meio de métodos intuitivos e dedutivos a que levaram a altíssimo grau de perfeição em suas escolas de místicas.

Concordam geralmente os autores em que os chakras, os centros psíquicos descritos na literatura yogi, não se situam dentro dos órgãos aos quais eles são associados, mas sim no envoltório áurico, nos pontos que lhes correspondem aproximadamente. Não deveríamos, por conseguinte, associar as Sephiroth com os membros a outras partes de nossa anatomia, mas encarar a utilização de tais analogias como metáforas a buscar os princípios psíquicos nas correspondências que possam apresentar.

Antes de procedermos a um detalhado estudo de cada Sephirah desse ponto de vista, será muito útil termos uma visão geral da Árvore como um todo, porque a compreensão total do simbolismo depende do mútuo relacionamento entre os símbolos no padrão da Árvore. Este capítulo será necessariamente discursivo a inconclusivo, mas tomará muito mais fácil o estudo em detalhe das Sephiroth individualmente.



A primeira a mais óbvia divisão da Árvore é em três

Pilares, a isso nos lembra imediatamente os três canais do prana descritos pelos yogis: Ida, Pingala e Sushumna; e os dois princípios, o yin e o yang, da filosofia chinesa, e o Tao ou Caminho, que é o equilíbrio entre eles. O testemunho universal estabelece a verdade e, quando descobrimos três dos grandes sistemas metafísicos do mundo em completa concordância, podemos concluir que estamos tratando com princípios estabelecidos, devendo aceitá-los como tais.

O pilar central representa, em minha opinião, a consciência, a os dois pilares laterais, os fatores positivo a negativo da manifestação. É digno de menção que, na ioga, a consciência de qual a Kundalini flui através do canal central do shushumna, a que a operação mágica ocidental da Elevação nos Planos ocorre na área central da Árvore; ou seja, o simbolismo empregado para induzir essa extensão da consciência não toma as Sephiroth em sua ordem numérica, começando por

Malkuth, mas vai de Malkuth a Yesod, a de Yesod a Tiphareth, razão pela qual recebe o nome de Caminho da Flecha.

Os ocultistas consideram Malkuth, a Esfera da Terra, como a consciência real, como se prova pelo fato de que, após qualquer projeção astral, o retorno cerimonial ocorre em Malkuth, restabelecendo-se aí a consciência normal.

Yesod, a Esfera de Levanah, a Lua, é a consciência psíquica, e também o centro reprodutivo. Tiphareth é o psiquismo superior, a verdadeira visão iluminada, a associa-se com o grau superior da iniciação da personalidade, como se evidencia pelo fato de que a ela se atribui, no sistema que Crowley toma a Mathers, o primeiro dos graus do caminho do adepto.

Daath, a Sephiroth invisível a misteriosa, que nunca é assinalada na Árvore, associa-se, no sistema ocidental, à nuca, o ponto em que a espinha encontra o crânio, o ponto no qual o

desenvolvimento do cérebro, a partir do notocórdio, ocorreu em nossos ancestrais primitivos. Daath representa geralmente a consciência de outra dimensão, ou a consciência de outro nível ou plano; denota essencialmente a ideia de mudança da chave.

Kether chama-se Coroa. A coroa está acima da cabeça, a Kether representa uma forma de consciência que não é alcançada durante a encarnação, pois está essencialmente fora do esquema das coisas no que diz respeito aos planos da forma. A experiência espiritual que se associa a Kether é a união com Deus, a aquele que atinge essa experiência entra na Luz, dela não mais retomando.

Essas Sephiroth têm inquestionavelmente as suas correlações nos chakras do sistema hindu, mas as correspondências são expressas de maneira diversa por autoridades diferentes. Como o método de classificação é diferente - o Ocidente utiliza um

sistema quádruplo e o Oriente, um sistema sétuplo -, não é fácil obter a correlação e, em minha opinião, seria melhor antes buscar os princípios primeiros do



que obter um padrão ordenado de disposição que violente as correspondências.

Os dois únicos escritores que, até onde eu saiba, tentaram estabelecer essa correlação são Crowley e o General J. F. C. Fuller. O General Fuller atribui a Malkuth o Lótus Muladhara, assinalando que suas quatro pétalas correspondem aos quatro elementos. É interessante notar que, na escala de cores da

Rainha, dada por Crowley, a Esfera de Malkuth se divide em quatro seções, coloridas respectivamente de citrino, oliva, castanho avermelhado a preto, para representar os quatro elementos, a tendo uma estreita semelhança com as representações usuais do Lótus de Quatro Pétalas.

Esse Lótus situa-se no períneo e associa-se com o ânus e a função excretora. Na coluna XXI da tábua de correspondências dada por Crowley em 777, esse autor atribui as nádegas e o ânus do Homem Perfeito a Malkuth. Considero que, de todos os pontos de vista, a atribuição de Fuller, que refere o Lótus Muladhara a Malkuth, é preferível à de Crowley, que, na coluna XVIII, o refere a Yesod, contradizendo, assim, a si próprio. Na mente infantil, de acordo com Freud, as funções de reprodução e excreção estão confundidas, mas não creio que essa atribuição possa ser aceita sem restrições.

Malkuth, considerado como o Lótus Muladhara, representa, por assim dizer, o resultado final do

processo vital, sua concretização final na forma, a sua submissão às influências desintegradoras da morte para que a sua substância possa ser novamente utilizada. A forma pela qual esse processo foi organizado pelos lentos mecanismos da evolução serviu a seu propósito, e a força deve ser libertada, é esse o significado espiritual do processo de excreção, putrefação e decomposição.

O chakra Svadisthana, o Lótus de Seis Pétalas, na base dos órgãos geradores, é atribuído pelo General Fuller a Yesod. Isso está de acordo com a tradição ocidental, que atribui Yesod aos órgãos reprodutivos do Homem Divino; sua correspondência astrológica com a Lua, Diana Hécate, também concorda com essa atribuição. Crowley, embora atribuindo Yesod ao falo na coluna XXI do 777, atribui o Lótus Svadisthana a Hod, Mercúrio. É difícil compreender essa atribuição e, como ele não cita a sua autoridade, considero melhor aderir ao princípio de referir os níveis de consciência ao Pilar Central.

Tiphareth, por consenso universal, representa o plexo solar e o peito; parece razoável, portanto, atribuí-la aos chakras Manipura a Anahata, como o faz Crowley. Fuller atribui esses chakras a Geburah a Chesed, mas, como essas duas Sephiroth encontram seu equilíbrio em Tiphareth, essa atribuição não apresenta dificuldade alguma, nem causa qualquer discrepância.

Da mesma maneira, o chakra Visuddha - que, no sistema hindu, corresponde à laringe, a que Crowley atribui a Binah - e o chakra Ajña -, situado na base do nariz, a que corresponde a glândula pineal a que, pela mesma autoridade, é atribuído a Chokmah - unem-se por sua função em Daath, situado na base do crânio.

O chakra Sahaśrara, o Lótus de Mil Pétalas, situado acima da cabeça, é relacionado por Crowley a Kether, a não há razão alguma para discordar dessa atribuição, pois ela se encontra pré-figurada no próprio nome do Primeiro Caminho, Kether, a Coroa,

que repousa sobre a cabeça a acima dela.

Os dois pilares laterais, da Severidade a da Misericórdia, representam os princípios positivo a negativo, e as Sephiroth que lhes correspondem simbolizam os modos de funcionamento dessas forças nos diferentes níveis de manifestação.

O Pilar da Severidade contém Binah, Geburah e Hod, ou Saturno, Marte a Mercúrio. O Pilar da Misericórdia contém Chokmah, Chesed a Netzach, ou o Zodíaco, Júpiter e Vênus. Chokmah e Binah, no simbolismo da Kabbalah, são representados por figuras masculinas e femininas e são, o Pai e a Mãe supremos, ou em linguagem filosófica, os princípios positivo e negativo do universo, o Yin e Yang, cuja masculinidade e feminilidade são apenas aspectos especializados.

Chesed (Júpiter) a Geburah (Marte) são antes representados no simbolismo kabbalístico como figuras coroadas, a primeira como um legislador em seu trono e a segunda como um rei guerreiro em

seu carro. São, respectivamente, os princípios construtivo e destrutivo. É interessante notar que Binah, a Mãe Suprema, é também Saturno, o solidificador, que se une, por meio da foice, com a Morte e a sua ceifeira, e o Tempo com sua ampulheta. Encontramos em Binah a raiz da Forma. Afirma-se, na Sepher Yetzirah, que Malkuth está sentado no trono de Binah - a matéria tem sua raiz em Binah-Saturno-Morte; a forma é o destruidor da força. Esse destruidor passivo harmoniza-se também com o destruidor ativo, a Marte-Geburah acha-se imediatamente abaixo Binah no Pilar da Severidade; a força encerra-se, dessa maneira, na forma libertada pela influência destrutiva de Marte, o aspecto Síva da Divindade. Chokmah, o Zodíaco, representa a força cinética; Chesed (Júpiter), o rei benigno, representa a força organizada; e ambas são sintetizadas em Tiphareth, o centro cristológico, o Redentor e Equilibrador.

A trindade seguinte, constituída por Netzach, Hod a

Yesod, representa o lado mágico e astral das coisas.

Netzach (Vênus) representa os aspectos superiores

das forças elementais, o Raio verde; a Hod

(Mercúrio) representa o lado mental da Magia. Uma

é mística e a outra, ocultista, e ambas se sintetizam

no elemental Yesod. Não podemos considerar esse

par de Sephiroth em separado, assim como o par

superior de Geburah e Gedulah, que é outro nome

para Chesed, como podemos inferir do fato de que a

Kabbalah os atribui, respectivamente, aos braços

direito e esquerdo e as pernas esquerda a direita.

As três Sephiroth da forma acham-se, portanto, no

Pilar da Severidade, e as três Sephiroth da força, no

Pilar da Misericórdia; e, entre eles, no Pilar do

Equilíbrio, reúnem-se os diferentes níveis de

consciência.

O Pilar da Severidade, com Binah em seu topo, é o

princípio feminino, o Pingala dos hindus e o Yang dos

chineses; o Pilar da Misericórdia, com Chokmah em

seu topo, é o Ida dos hindus e o Yin dos chineses; e

o Pilar do Equilíbrio é Sushumna e o Tao.

